

Capítulo 12

**O MÉTODO ABA NA ALFABETIZAÇÃO DE
ALUNOS AUTISTAS**

*Paula Gabriele Sá Araújo
Marcelo Luiz Bezerra da Silva
Mateus Aparecido de Faria*

O MÉTODO ABA NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS

Paula Gabriele Sá Araújo

Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Contato: paulaaraujoped@gmail.com

Marcelo Luiz Bezerra da Silva

Doutor em Educação para Ciência pela Universidade Estadual Paulista – UNESP de Bauru. Contato: marcelo.bezerra@uepa.br

Mateus Aparecido de Faria

Doutorando em Saúde Coletiva. Instituto René Rachou – Fundação Oswaldo Cruz. Contato: mateusfaria18@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o método ABA que é comumente utilizado na alfabetização de pessoas autistas. Esta pesquisa tem escopo qualitativo e descritivo, configurando-se como estudo de caso. Optou-se pela técnica de entrevista narrativa para que houvesse uma escuta autêntica do entrevistador. O objetivo geral estabelecido consiste em Compreender a eficácia do método ABA na alfabetização dos alunos autistas. Para este estudo foram delimitados dois objetivos específicos que corroboram com o cumprimento do objetivo geral. São eles: (I) Identificar as estratégias de alfabetização no método ABA; (II) Analisar os discursos acerca da eficácia do método ABA na alfabetização de pessoas autistas. Para esse intento nos debruçamos sobre a vertente teórico-metodológica da análise de discurso de linha francesa, que se abebera das teorizações de dois de seus principais teóricos, a saber: Michel Foucault e Eni Orlandi. Considera-se, finalmente, que o método ABA necessita ser repensado como esteio de uma presumida alfabetização de pessoas autistas, visto que ele se propõe muito mais a realizar recomendações de gestos e comportamentos estereotipados baseados no binômio estímulo-resposta, do que propriamente na aprendizagem crítica e consciente, que se propõe para o conjunto da humanidade. Diante da forma que acontece a alfabetização de alunos autistas, este trabalho tem a sua importância para contribuir com abordagens sobre esse método, para que docentes repensem a sua utilização no ambiente escolar.

Palavras-chave: Método ABA; Alfabetização; Autismo.

ABSTRACT

This paper aimed to analyze the ABA method, commonly used in the literacy of autistic people. This research has a qualitative and descriptive scope. We opted for the narrative interview technique so that there was an authenticated interviewer listening.

The general objective established is to Understand the effectiveness of the ABA method in the literacy of autistic students. For this study, two specific objectives were defined that corroborate the achievement of the general objective. They are: (I) Identify literacy strategies in the ABA method; (II) Analyze the discourses about the effectiveness of the ABA method in the literacy of autistic people e. For this purpose, we focus on the theoretical-methodological aspect of French discourse analysis, which draws on the theories of two of its main theorists, namely: Michel Foucault and Eni Orlandi. Finally, it is considered that the ABA method needs to be rethought as a mainstay of a presumed literacy of autistic people, since it proposes much more to make recommendations for stereotyped gestures and behaviors based on the stimulus-response binomial, than to properly learn critical and conscious, which is proposed for the whole of humanity. Given the way in which the literacy of autistic students happens, this work has its importance to contribute with approaches to this method, so that teachers rethink its use in the school environment.

Keywords: ABA method; Literacy; Autism.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todas as pessoas independente se possuem deficiência ou não. Assim, os alunos autistas também precisam ter garantido o acesso, permanência e conclusão, assim como as outras crianças. No entanto, a situação desses discentes hoje é complexa, pois muitos docentes ainda não compreendem a importância de ensinar e aplicam metodologias inadequadas para ensinar os educandos.

Segundo Martins (2012) toda criança tem direito à educação de qualidade. Portanto, a escola precisa incluir as crianças com necessidades especiais e tem que estar pronta e organizada, não só estruturalmente, mas na preparação dos docentes, pois eles também têm que estar aptos para corresponder as necessidades dos educandos. Em especial nos anos iniciais, nos quais alguns processos pedagógicos são essenciais para seu desenvolvimento e escolarização, como é o letramento e a alfabetização.

Ainda hoje persiste o dissenso sobre as diferenças entre alfabetização e letramento, devido à proximidade entre os conceitos, impactando na prática docente e na rede de significados construídos em sala de aula. Seus embasamentos são diferentes e é possível ensinar de modos muito díspares, a depender da perspectiva adotada. Tal “enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica” (SOARES, 2004, p. 7).

Várias técnicas e metodologias são possíveis no âmbito do letramento e da alfabetização. Focaremos aqui no método de Análise do Comportamento Aplicada (em inglês *Applied Behavior Analysis* – ABA), geralmente associado ao processo de aprendizagem de pessoas que vivem com transtorno do espectro autista. Assim, o objetivo deste artigo é analisar o método ABA e suas implicações para o desenvolvimento da criança autista.

2 DESENVOLVIMENTO

É compreensível que aprender a ler e escrever é importante para o desenvolvimento do indivíduo e para a vida em sociedade. Porém, a alfabetização muitas vezes é considerada como algo que deve ser simplesmente memorizado, sem tratar do significado das letras e palavras no meio social do aluno, se aproximando, assim, do letramento.

De acordo com Gomes e Souza (2017), parece existir um consenso na afirmação de que quando essas pessoas aprendem a ler, tem uma diferença no desempenho da leitura de textos (resposta vocal relacionada a palavra escrita) e a leitura da compreensão (entendimento do conteúdo que está escrito). Em muitos casos, a criança, ao aprender a ler, apreende inicialmente a decodificação dos elementos da palavra, mas não compreende o seu significado, por isso é necessário mostrar não somente o código, mas também o sentido dela na realidade, ou seja, atribuir-lhe significado.

Segundo Freire (1979) o processo de alfabetização se dá por meio da compreensão das palavras em seu sentido real, a partir daquilo que o discente já conhece, ou seja, “de dentro para fora”, pois o aluno conhece muito sobre o meio em que vive. Por isso, é importante estabelecer uma ligação sobre o que o ele vivência e o que as palavras significam, além de proporcionar reflexões sobre o que ocorre no cotidiano para trabalhar com a criticidade.

De acordo com Kleiman (2008), o letramento tem como finalidade o pensamento sobre o ensino e a aprendizagem, atentando-se para aspectos da língua escrita na sociedade. Concordar com o letramento, desta forma, é exercer o procedimento de alfabetização no processo social da escrita, mesmo com a existência

de uma concepção tradicional que enxerga o desenvolvimento da escrita e da leitura como algo que deve ser trabalhado separadamente. Por isso, trabalha-se na sala de aula com atividades coletivas, com gêneros de textos diferentes, possibilitando compreensões diferenciadas, além de trabalhar com os códigos linguísticos, possibilitando o contato com diversos saberes.

Nessa perspectiva, para Lunardelli-Jacinto e Kupfer (2017), o indivíduo autista enxerga o mundo de uma maneira diferenciada e, apesar de não poder falar, ele tem o que dizer, ele não é deficiente. Entretanto, é importante considerar o desenvolvimento psíquico, as trocas de prazer e desprazer. Há uma falha no trânsito libidinal, levando à pessoa que vive no espectro autista a não verbalizar o prazer e a não saber o que fazer quando sente o desprazer. Dessa forma, acaba organizando defesas, o que designamos como as diversas formas de autismo. Trata-se de crianças que não sabem ler o que o outro quer ou o que sente. Mas há aqueles que têm um desenvolvimento cognitivo bom e conseguem ler as palavras “amor”, “ódio”, “tristeza”, porém não sabem que realmente representam.

A partir dessa perspectiva, é de suma importância discutir sobre o que é o método ABA e como ele acontece. Identificado como um método que analisa as atitudes dos educandos para moldá-los para que deixem de fazer gestos inadequados, e assim, paralelamente aprender a linguagem, o método ABA utiliza o Comportamento Verbal para focar no desenvolvimento da linguagem para utilizar meios como tentativa de promover o progresso do educando, objetivando a fala e a escrita do autista, porém visando apenas a oralidade (LEAR, 2004).

Ao olhar para alfabetização dos autistas, o método ABA condiciona os alunos, visto que não percebe a capacidade de pensar e refletir o que os estudantes autistas possuem. Pois o método utilizar pode ser, segundo Foucault (2001), mais uma forma de separar as pessoas “normais” e as pessoas “anormais”, fazendo um ensino não-inclusivo.

3 METODOLOGIA

O referencial teórico que conduziu esta pesquisa científica fundamentou-se na Análise de Discurso de linha francesa. Segundo Orlandi (2000), o analista do discurso precisa compreender as metáforas que são consideradas como materiais

na história, dessa forma, é relevante fazer relações do discurso, língua, sujeito e sentidos para ter conhecimento da ideologia que há por trás dos discursos, pois é essencial ter uma visão ampla dos acontecimentos para entender o que o autor do discurso quis dizer.

Diante disso, é relevante dizer que esta pesquisa tem finalidade descritiva, pois nossa intenção consiste em descrever como ocorre a aplicação desse método na sala de aula desses alunos. De acordo com Vieira (2009), na pesquisa descritiva o pesquisador não pretende dar explicações aos fenômenos. Propomos uma pesquisa fundamentada em uma vertente qualitativa, que se preocupou em compreender e descrever. Nesse sentido, é muito importante para entender sobre o método ABA, pois segundo Strauss e Corbin (2008) é relevante que questionem, para que aja um afastamento daquilo que olham e escutam, pois assim, poderão elevar ao nível do abstrato, e depois voltar ao nível dos dados.

Desse modo, a técnica de entrevista escolhida foi a narrativa, que, para Jovchelovitch e Bauer (2002), é um método de pesquisa qualitativa que substitui o esquema de pergunta-resposta, o que ocorre é a escuta autêntica do entrevistador. A narrativa não poderá ser interrompida e não será possível fazer qualquer comentário, a não ser sinais não verbais de escuta e encorajamento explícito para continuar a narração. O entrevistador pode, no entanto, tomar notas ocasionais para fazer perguntas posteriores, se não interferir na narração.

Para conseguir informações importantes para a pesquisa a seleção do caso entrevista visou alcançar pessoas com formação no método ABA. Utilizou-se o gravador, para registrar em áudio as entrevistas, juntamente com o bloco de notas. A transcrição foi feita pelo pesquisador para analisar os aspectos verbais, não verbais e paralinguísticos da entrevista para permitir a compreensão a partir do contexto. Entrevistou-se uma docente do 1º ano do Ensino Fundamental que trabalha numa escola situada na cidade de Belém, no estado do Pará, ela trabalhou como professora por sete anos nessa instituição e possui experiência em projetos de alfabetização que utiliza o método ABA como método de ensino para alunos autistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A docente tem sete anos de trabalho na área educacional e possui conhecimentos sobre o método ABA e sua aplicação com alunos autistas. Devido ao

COVID-19 a entrevista ocorreu pela via *online*, mas foi possível obter os dados necessários para este trabalho, de forma segura, respeitando o distanciamento social.

Para melhor análise e aprofundamento acerca do discurso docente, apresentaremos os excertos da narrativa que mais evidenciaram elementos para o objetivo deste artigo.

A alfabetização é um processo que a criança aprende a codificar e decodificar a língua, aprende a utilizar esse código para comunicação. (Docente)

Ao questionar sobre os sentidos da alfabetização, a professora insere sua definição em uma prática técnica, tecnicista, utilitarista. Nesse sentido, entende-se que, para a professora, a alfabetização é apenas algo memorizado, como um processo de obtenção da tecnologia da escrita, ou seja, um conjunto de técnicas, procedimentos e habilidades necessário para a prática da leitura e da escrita. Entre as habilidades estão: codificação de fonemas em grafemas, decodificação de grafemas, habilidades motoras, postura corporal, direção correta da escrita, organização espacial da escrita, manipulação correta e adequada de leitura, essa visão ainda é muito comum mesmo nos dias de hoje.

Entretanto, alfabetizar vai além de codificar e decodificar palavras, pois, segundo Soares (1998), a alfabetização é dar acesso e condições para que cada pessoa entre no mundo da leitura e da escrita. Entretanto, tornando-os capazes de usar as habilidades de codificação e decodificação do sistema da escrita, mas fazer uso real e adequado de todas as funções da escrita dentro do meio social e como um instrumento de luta pela conquista da cidadania plena.

Esse método com base na análise do comportamento é geralmente utilizado em pessoas com autismo em forma de terapia. (Docente)

A posição da docente a partir de uma ordem do discurso medicalizante denota qual lugar é possível para uma criança no espectro autista dentro da escola: paciente, não estudante. Como este é um método clínico, ele ocorre em forma de terapia, mas é importante lembrar que como o autista se encontra na escola. Então, com esse pensamento seria o caso de utilizar métodos de cunho pedagógico e não clínico.

Diante das diversas formas de abordagem, o método ABA, segundo Andrade e Teodoro (2012), visa ensinar as habilidades que a criança não possui e redirecionar

as que ela possui de forma desadaptativa, trabalhando os déficits e os excessos. Sua prática é realizada de forma individualizada, dividindo por etapas as instruções das atividades e fazendo uso de reforçamentos quando o aluno apresenta comportamentos adequados.

Para a utilização desse método, Lear (2004) afirma que se requisita o profissional, um ensino estruturado, que pode ser modificado de acordo com as respostas do indivíduo durante a aplicação. Os objetivos devem ser claros e as intervenções individualizadas. Durante as sessões o profissional pode oferecer ajuda, com a propósito de impedir o erro, e os comportamentos desejados devem ser reforçados.

Compreendem as palavras e frases...eles saem com as habilidades e competências previstas para o primeiro ano consolidadas, mas tem uns que aprendem mais rápido e outros que demoram a aprender [...]. Esse método ele se preocupa mais com o comportamento, mas na aula eu uso o estímulo, elogio os trabalhos, mas ele por si só, eu acho que ele não é capaz de alfabetizar de fato. (Docente)

A interdiscursividade na fala da professora aponta para outras práticas discursivas que remetem ao binômio estímulo-resposta. Para entender como ocorre esse método é necessário entender sua base. O conceito da ABA se baseia nos escritos de Skinner (1953), que considera importante avaliar, descrever e remodelar comportamentos. Fundamenta-se na ideia do condicionamento operante, os comportamentos se desenvolvem no decorrer do contato do sujeito com seu ambiente.

Desta forma, a partir da fala da entrevistada, entende-se que há aqueles alunos que conseguem compreender mais rapidamente do que outros. Por isso, é importante pensar que se esses alunos não estão aprendendo as palavras e seus significados, então o método ABA não está sendo eficaz.

De acordo com Gough e Tunmer (1986) compreensão de leitura é, portanto, uma atividade cognitiva complexa que envolve inúmeras habilidades e várias formas de processamento, incluindo as habilidades para decodificar e compreender a linguagem falada. Durante a leitura, o leitor deve, além do conhecimento linguístico e de mundo, construir uma interpretação do que é visível na superfície do texto e oculto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ensinar as crianças autistas, vale perguntar se esse aluno pode pensar criticamente, mas a resposta é sim, apesar de alguns se afastarem do mundo, eles enxergam a realidade por uma outra perspectiva e, apesar de uns não falarem, eles têm o que dizer. Eles não podem ser ignorados, eles precisam aprender assim como as outras crianças, no entanto, não da mesma forma, pois eles requerem uma atenção específica.

O aluno autista tem a capacidade de raciocínio, embora se apresente de forma diferente, então, o problema está nos meios que o professor utiliza para alfabetizar. Pois a criança está na sala de aula como aluno e não como paciente em uma clínica. Nessa perspectiva, é importante pensar em uma forma pedagógica de ensino, visando o progresso da criatividade dos educandos.

Diante de diversos contrapontos sobre o método ABA, é importante dizer que esse método não tem eficácia, pois tem estratégias que não são aceitáveis para o desenvolvimento crítico, esse método não possibilita a dialogicidade, não problematiza, nem trabalha com a opinião dos alunos.

Por este motivo, faz-se relevante afirmar que os professores precisam buscar formas mais eficazes de alfabetizar as crianças autistas. Porém não utilizar metodologias de ambientes clínicos, mas sim pedagógicos. A escola é um local diferente de uma clínica e possuem papéis diferentes para a sociedade. Logo, como a instituição escolar tem o papel de educar, cabe a ela ir em busca de formas educativas para o ensino da alfabetização para autistas que promovam a leitura e a escrita respeitando a individualidade e os conhecimentos dos educandos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. B., TEODORO, M.L.M. Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo – RS, v. 5, n. 2, p. 134-141, jun. – dez., 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a08.pdf>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad. De Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Ed. 18. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES, Camila Graciella Santos; SOUZA, Deisy das Graças de. Ensino de Sílabas Simples, Leitura Combinatória e Leitura com Compreensão para Aprendizes com Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Marília, SP, v. 22, n. 2, Abr-Jun, p. 233-252, 2017.

GOUGH, P. B.; TUNMER, W. Decoding, reading, and reading disability. **Remedial and Special Education**. v. 7, p. 6-10, 1986.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Análise de Discurso: In: BAUER, MARTIN W; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. Os estudos do letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**. n.3, v. 8, p.487-517, set-dez, 2008.

LEAR, Kathy. Ajude-nos a aprender. Ed. 2. Toronto, Ontario – Canadá, 2004.

LUNARDELLI-JACINTHO, Ana Francisca; KUPFER, M. C. M.; VANIER, Alain. A posição do psicanalista em um espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais: da sustentação simbólica à constituição subjetiva. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.** São Paulo, v. 20, n. 4, p.673-685, dez, 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Ed. 19. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Ed. Pontes. Campinas: Pontes, 2000.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Free Press, 1953.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1998.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25, Jan/Fev/Mar/Abr, 2004.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Trad. Luciane de Oliveira da Rocha. Ed. 2. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.